

REDADORES

Mario Altenfelder Silva
Mathias Roxo Nobre
D. Hermes Cassiano
Gil Spilborghs

COLABORADORES
DIVERSOS



Redator-Chefe: Paulo Villela de Andrade



ANO 1

Periódico literário,
humorístico e noticioso

Faculdade de Medicina de São Paulo, 8 de Outubro de 1930

Redação:
Rua Brig. Tobias, 45

NUM. 6

ANALIZES DE CRETICISMO SENTIMENTAL

AMIZADE

Geralmente, quando se pergunta a uma pessoa (do sexo masculino, bem se entende), quantas especies de amigos distingue, obter-se-á a resposta:

— "Duas, o amigo comum o amigo verdadeiro"

Outras, despeitadas, dirão que ha considerar tres especies de amigos, sendo que além das duas especies precitadas ainda deve ser colocada na classificação a do falso amigo, do amigo finjido.

Não quero, porém, falar neste tipo quando abordo problema da amizade. Seria mais conveniente sua analize num artigo sobre hipocrisia, que, entretanto, minha pena não pretende descrever.

E a razão disso — a explico para aqueles que tiverem a curiosidade de a saber — é já haver bastante lódo em suspensão nas aguas aparentemente limpidas dos pretensos sentimentos nobres e não ter vontade de revirar o lódo mil vezes aumentado que se apresenta áquele que queira abrir um caminho através do sargasso dos sentimentos confessadamente baixos. É também porque a beleza que simplesmente a falta de nobreza que existe coberta debaixo do generico de sentimentos nobres já é uma dóze medicinal que, mesmo administrada em alta diluição, é vomitada pela maioria dos que a injerem sob ação do nervo vago, da intolerancia, ou, quando consegue alcançar a circulação das idéas e a assimilação pelas celulas cerebrais, é recebida com fortes abalos nervozos, aos quais só escapam os poucos imunizados pela vacina anti-preconcepcional, preparada com o sôro da liberdade absoluta de associação de pensamentos.

Para voltar ao assunto, devo dizer que mesmo a primeira classificação, embora aceita pela quasi totalidade dos homens, não corresponde á verdade. A amizade não é um genero que se possa dividir em duas especies autonomas irredutíveis. Como outros sentimentos humanos ela está sujeita a variação, pelas quais passa por gráus insensíveis duma banal amizade de salão á amizade verdadeira, e á amizade absoluta.

E por isto é que se pôde estabelecer para a amizade com todas suas variedades uma lei geral, valida por todas que lhe serve tambem de definição.

A lei-definição que proponho para a amizade é a seguinte:

A amizade é uma sociedade de seguro socorro mutuos. — Esta frase, por pouco sentimental que seja, exprime com a maxima clareza qual é a base da amizade: E' a certeza de que o amigo, quando as circunstancias o exigem, ou simplesmente a nosso pedido, nos retribuirá os serviços prestados; em uma palavra, é a mutualidade.

Realmente, quanto se inquire alguém sobre um bom amigo, sempre ouvir-se-á: — "Sim, tenho a certeza de que ele em qualquer emer-

jencia faria tudo por mim, e eu, em condições identicas mesmo por ele".

A grandeza "mutualidade" é, pois, uma constante no calculo da amizade. Varia somente, em proporção direta com grau da amizade, valor do limite das exigencias que se podem apresentar ao amigo ou das exigencias do amigo que se quer satisfazer, seja a altura do seguro.

Para facilitar expozição, classifico as amizades em quatro tipos: amizades de tipo inferior, medio, superior e supremo.

Na amizade mais banal, o limite do socorro ou a altura do seguro é tambem mais baixo. Reduz-se a uma simples informação ou coisa semelhante. Naturalmente ai nenhuma qualidade moral, intelectual, física, psiquica ou economica é exigida do amigo; unicamente um conhecimento menor ou maior sobre qualquer assunto.

Num grau um pouco superior de amizade, o limite será uma conversa, a companhia em um passeio ou divertimento. As exigencias mutuas acrecem-se ai, da facultade de conversar, de falar e de escutar, e talvez de uma comunhão de pontos de vista sobre uma, e

outra questão. São portanto exigencias de ordem intelectual, mais explicadamente retorica, que se apresentam em primeiro plano.

Estas são amizades de tipo inferior.

Nas amizades do tipo medio entra, além da simples capacidade de mutualismo, uma outra condição e varias accessorias, corolarios da primeira. A condição essencial, de que ha necessidade de se servir quando se dezeja definir a amizade de tipo medio, é a confiança mutua. Neste tipo de amizade já é possivel pedir ao amigo de submeter-se a algum incomodo por nossa cauza, justamente pela confiança de mutualidade que lhe inspiramos. — Quanto ás condições accessorias: Como sem simpatia não ha confiança, deve haver simpatia mutua. Ora, simpatia é um sentimento que depende essencialmente das qualidades físico-psiquicas e morais do individuo, das quais acrecem neste tipo as condições da amizade. — A confiança mutua é portanto a condição "sine qua non" pôdem ser concebidas amizades do tipo medio para cima.

Ainda num grau superior deve haver uma certa equivalencia economica físico-intelectual entre os amigos. Já se esboça a exigencia de

certa igualdade ou correspondencia de valores, pois, com a elevação do limite do seguro mutuo vem se introduzir no espirito humano questão, se o amigo vale realmente os sacrificios que a pessoa se justifica fazer por ele, imotivada para o individuo que sustenta a igualdade absoluta entre os homens, fortemente motiva naqule que tomou por base de vida o progresso Universal. A exigencia da equivalencia parcial é a condição que caracteriza a amizade do tipo superior.

Pouco para cima na escala da amizade exige-se tambem a correspondencia dos valores morais, para cuja analize porém, os amigos devem ter certa instrução. Desponta então tambem condição da correspondencia da instrução.

Neste nivel a amizade já chegou a, um grau bem elevado; o limite da mutualidade atinjiu um valor bastante alto. E' esta a amizade que ainda, embora com alguma dificuldade, se encontra entre os homens. E' a amizade relativa que mais se aproxima da amizade absoluta.

A amizade absoluta, amizade verdadeira ou amizade do tipo supremo representaria a noção na escala da amizade, mas ela é tão rara que, com razão, se pôde duvidar mesmo de sua existencia. Não nego com isto que possa existir em estado potencial em algumas pessoas, mas acho que a probabilidade de se externar é quasi nula. Ela exige dos amigos uma reconhecida igualdade absoluta de valor nos campos psiquico, moral, intelectual e, conforme o carater dos amigos, tambem economico. A igualdade intelectual é naturalmente o seu alicerce, sendo que a igualdade psiquica e moral são seus corolarios; pois dum identico modo de pensar naturalmente deriva uma identica moral. Além dessas condições ainda os amigos devem satisfazer a de uma grande fortaleza de espirito, pois devem estar prontos para dar a vida um pelo outro, condição que tambem não é facil de cumprir pelo apego que os homens quasi sempre têm á vida...

Desde já quero, para terminar o artigo, replicar a uma objeção que faria cair por terra a téze apresentada, objeção que certamente farão os leitores E' seguinte: — Pelo que o artigo diz, não ha nobreza de sentimento na amizade Na realidade, porém, pensa-se muito mais nos serviços que vão ser prestados ao amigo do que naqueles que por ele nos vão ser prestados. Portanto, ai se trata dum sentimentoq altruistico, e por consequencia nobre.

Em realidade, neste sentimento de auto-consideração não ha nada de altruistico. Pensa-se no sacrificio proprio não por altruismo, mas pelo medo de que ele se torne necessario, para juntar as forças para vencer medo, pela lembrança da auto-elevação que se atinge quando o sacrificio foi cumprido, contraposto ao auto-desprezo no qual cai a quele que não sustenta a palavra dada.

Por MARTINUS.

O progresso de uma nação está na razão direta da qualidade de seu atleta.

HERMES CASSIANO.

A' MARJEM DO SECULO

Estúa forte na mente de quem pensa, como o trovão que ribombando ao lonje, faz tremer o cadenciado e silencio voo de ave que os céus corta em tarde primaveril, o aspecto do enovelar dos dias, ao redor do longo eixo dos tempos. Sópro quente, divinal e extraordinario, que paulatinamente vai sendo lançado á superficie da orbe, transmutando-lhe a fizionomia, como o "simuum" que beijando incessante o sólo africano, dá-lhe a cada momento um diverso gráu de varredura, ora dando-lhe brilho e asperidade, ora opacidade e lizura!

Quem imortal na vida, repuzasse ao sono mitigador dos tempos preteritos, vindo despertar á claridade dos dias de hoje, indviduamente se faria pasmo, ante a concreta ditrimia neles enquadrada ou ao menos ante o aproximado contraste com os seus primeiros dias. Hontem, o ideal, a fantasia, viveres do espirito! Hoje, a realidade, e o dia de hoje! Em tempos outros, o trabalho, o afinco e os sacrificios eram alimentados não pelo intuito de, ao quedar da tarde, serem-lhes queimados os prcdutos, lançados á vala funda do aniquilamento, mas antes pela intenção de serem armazenados com carinho e fraternalmente aproximados para constituirem esfínje petrea e indestrutível de um ideal, talvez muito sonhado e resenhado. A tendencia hodierna, porém, é mais modesta, lonje de aspirar vér numa tela de artista, o esboçar-se de fina paizajem, vê num ideal, a moldura embaçada de frouxa realidade!

Hontem, o olhar tentador de galiciana donzela tinha o valór ceprício duma coróa de Valkiria, hoje, a sua sombra esmaecida, em transitando para o sarcasmo duma "piada". Um sorriso de mulher, era o aurorar duma esperanca, hoje, o simples oposto do chorar. As longas cabeleiras mereciam flagrante atenção das apreciações, hoje, merecem-na os aparatozos "arranha-céus".

A explicação dos fatos se fazia pela propria explicação, hoje, pelo proprio fato.

O valór individual dependia do proprio individuo, hoje, talvez mais do ambiente que do individuo. O metal a que se chamou de "vil" só encerrava dinheiro, hoje, dinheiro, honestidade e sociedade. A idéa de romantismo, colorida e macissa, era um capitulo vinho dezejado por todos os paladares, hoje, a moeda desvalorizada no mercado dos amôres.

O amor que valia preço de uma vida, retrata hoje o zorio de um engano a dezengano. Os apozentos sombrios de humildes poetas, revestem hoje o agradável aspecto, para os que assim o querem, de baixa e redonda meza, onde baila o delicioso "poker" e con ele o dinheiro, a vida e o home. Os frutos apreciados pela forma, aroma e colorido, são hoje adquiridos pelo pezo, volume e sabor. Outras citações interessantes encaminhar-se-iam para estas linhas, se me não occorresse a lembrança de que o tempo evuluido é como metal polido! De nada vale a ponderação!... Feliz ou infelizmente, esse processo metamorfozeante das coisas terrenas não pôde ser vulnerado, pois que sintetiza o poder injente duma real soberania, maravilhoza maquina da Natureza! Isso não obstante, essa mãe geniozá tambem nos ilude, fazendo-nos olhar o prezente com olhos do prezente, impedindo-nos uma vizão mais ampla, com respeito ao que foi, é será o vasto dominio que prezide. Mirando as nossas coisas, dizemos terem sido lapidadas "a la meillere", porém, quer me parecer, terem-na melhor, sido em tempos outros. Esta noção das transformações, seria como que um caudalozo lençol dagua cristalina que ao deslizar pelo terreno dos tempos, ter-se-ia infiltrado de escuro barro e que no entanto ainda nos parece cristalina, pelo acerto de que tambem a olhamos com cristalina sujestão!...

O Centro Academico "Oswaldo Cruz" quer e precisa de seu auxilio.

Pugnai pela "Caza do Estudante"

## ALGUEM

Flór suavíssima dum moreno cismador,  
Nacida ao esverdejar de cálida esperança,  
Vivendo ao éco terno de poeiza dansa...  
E' alguém, canção mavioza de humilde pastôr!

Inspirada Natura que a fez com amôr!  
Bem dita ajitação que a beija e não se cansa,  
Pois que o beijo são dum amôr que não descansa!  
E' alguém, serena luz de ceu multicolor...

Dizer não saberia se vive e também sente,  
Sinão em sofrendo um sentir que me consome,  
O sono quazi todo, doce e mansamente!

E' alguém que pertináz da mente me não some,  
Esse alguém que me inspira forte e docemente,  
Quando ditozo, vou dizer seu curto nome!

HERMES CASSIANO.

## UMA FESTA EM CAZA DO CORAÇÃO

Em uma grande sala, onde brilhavam  
Cintilantes, as luzes da alegria,  
a orquestra executava com maestria  
Uma canção. Os convidados chegavam...

Dona Alegria estava deslumbrante  
No seu vestido longo de setim.  
A seu lado, garbozo e suplicante  
O doutor entusiasmo, palpitante  
Mais do que nunca ansiava por um sim...

Dona Sinceridade, vaporosa,  
Deslumbrou com sua voz maravilhosa...  
Dona Esperança estava divina  
No seu vestido verde de percal...

Dona Constança, uma senhora idosa,  
Estava nesse dia mais que proza!  
Dona Simpatia e doutor Segredo  
Organizaram juntos um brinquedo...

O amor — um belo moço de olhos negros —  
Que tem os falatórios e os enredos,  
Propôs que se brindasse o coração,  
No que foi atendido com efusão.

Houve confeitos, doces e gelados...  
Dansaram ao som da orquestra e na quadrilha  
Marcada pelo coração, houve sucesso!  
Jogaram xadrez, "corre-corre", a trilha.  
Pequenas discussões ao se jogar os dados,  
Cenas de ciúmes entre os namorados...

Depois... as despedidas começaram:  
Beijos e abraços... juras e promessas —  
— Promessas vão que passam tão depressa —  
E os convidados todos se afastaram...

Ao pé do coração só a saudade ficou  
A evocar, silenciosa, aquilo que passou...

Jacy Barboza Fraga Moreira.

Jahú, 7-9-30.

## AMAR

SONETO

de GIL SPILBORGHES

Amar é envolver em pranto o coração.  
Amar, ter um desejo nunca satisfeito.  
São outras iluzões vestindo uma ilusão  
Que alegre a nossa vida e sangra o nosso peito.

E' sentir com doçura a bem doída emoção  
Do mais amado sonho que ficou desfeito;  
E' sofrer, é chorar nas malhas da paixão  
E no entanto andar pela vida satisfeito.

Amar é só viver sentindo e é gozar.  
Andar sempre feliz e no entanto sentir.  
Dar muitas gargalhadas e também chorar.

Padecer doidamente e inda poder sorrir.  
Em choro gargalhar em rizo soluçar.  
Amar é não ter nada e tudo possuir!

Era a época em que devassar  
os sertões tornou-se uma obsessão  
do paulista.

Bartholomeu Bueno da Silva também esboça uma róta.

E com a idéa de jazidas de ouro a flutuar-lhe no cerebro, parte  
em busca da rejão misterioza...

Aquí, ascende por uma serra;  
ali, palmilha pelas campinas alou-  
radas; acolá, atravessa um rio;  
mais além, luta com as feras e  
com a "debacle" medonha do  
tempo.

Uma grande extensão já tinha  
percorrido.

Nada. Nada ainda das jazidas de  
ouro tantas vezes ambicionadas!

Contudo, nem mesmo a incer-  
teza detém a marcha da "ban-  
deira", que, já maltrapilha e fati-  
gada, caminha sob a soalheira ar-  
dente daqueles grandes dias de  
vicissitudes e martírios...

Por toda a parte, em todas as  
direções, o velho bandeirante dei-  
xa um penhor seguro e indelevel  
da época de sua caravana.

Abre as gupiaras.

Examina o veio virjem da terra,  
os cascalhos de "formações" ani-  
madoras...

Deixa clareiras pelas florestas  
e pontes improvisadas sobre os  
rios.

Tudo é feito numa precipitação  
tresloucada de quem persegue uma  
ilusão caprichosa e sempre fujitiva.

## BATISMO SELVAJEM

Finalmente, depois duma demo-  
rada jornada por montes e vales  
— jornada de renuncias e prova-

ções inenarráveis, e heroica "bandeira" chega ás marjens do rio Ver-  
melho.

Aí pára. Bartholomeu levanta uma cruz feita da mais resistente  
madeira de lei.

E todos, ajoelhados e contritos,  
entãoam litanias.

Do escurecer ao amanhecer,  
Bartholomeu Bueno vela na 'sua  
barraca.

Não póde dormir, embora tro-  
pego.

Gritos de selvajens revoltados,  
ecóam pelas quebradas das serras.  
Sons de instrumentos barbaros e  
de guerra repercutem pela tribu  
selvajem dos "goyá"...

Uma idéa luminosoza, salvadora,  
divina, inspira o bandeirante pau-  
lista, que, vendo-se perdido, lança  
fogo a um barril de alcool.

Os selvajens, absortos, contem-  
plam as chamas...

E julgam-no com o poder de Tu-  
pan, capaz de fazer incendiar as  
aguas de seu rio sagrado...

E exclamam num batismo sel-  
vajem:

— Anhangüera! Anhangüera!

J. N.

## QUADRAS

Quantas vezes penso em quando  
Tu, querida, junto a mim,  
Vais falsamente jurando  
Amor eterno sem fim...

E enquanto teu labio lino  
Faz-se em frases de veludo,  
Teus olhos, te desmentindo,  
Sem falar, contam-me tudo.

Mas com tanto amor eu sigo  
Aqueles frases, meu Deus!  
Que, em vez de zangar contigo,  
Me zango com os olhos teus.

A amizade que eu te tinha  
Era couza passageira  
Todo o aféto que eu te dava  
Era só de brincadeira.

Mas depois eu fui gostando  
De brincar dessa maneira  
E a amizade que eu te tinha  
Foi ficando verdadeira.

Hoje eu te amo de verdade  
E hei de amar-te a vida inteira  
Mas... é pena: tu ficaste  
Gostando da brincadeira.

FERNANDO DE OLIVEIRA BASTOS

## TREZ COZINHAS COM ROTULO

## PEDACINHO DUM NOVO AMOR

Ela me olhou com o azul-mar dos seus olhos marinhos; feitos de todos  
os sargaços perdidos pelas águas.

Ela me olhou encantada, como si eu fosse um principe de contos de  
fadas, com o qual sonhára em creança maravilhada e encantada. Ou então  
um cinico de bigodinho, todo misterio e maldade, facinada pelo labirinto  
insondavel dos meus olhos negros e ardentes, como si eu fosse o "vilão"  
com o qual vivêra nos seus sonhos de moça de colejo.

Tudo isso foi num baile. Dei-lhe um beijo. Ela me deu um amor-perfeito.  
Depois... na rua, tudo terminado: o baile a muzica, os olhares, as  
palavras... eu fui fumando pensativo, um cigarro filozofico.  
Tomei o ultimo bonde bebendo e quazi adormeci.

Este pedacinho de amor, foi todo o meu romance na vida.

## A SUAVE REALIDADE

Os nossos labios nunca se uniram?  
Que importa!  
As nossas almas se compreenderam.

Deixa-me ir, Deixa-me ao menos uma vez, mesmo que seja por seu  
intermedio, praticar uma boa ação na vida.

Nossos labios nunca se uniram?  
Não faz mal!

O nosso amor foi mais puro, foi mais suavidade.  
Não teve o sabor quazi sempre amargo da realidade.

Mas os dias passaram...  
E uma noite nossos labios rapidamente se encontraram...

Senti então, que a realidade tem ás vezes o doce sabor das couzas  
intanjáveis.

## PERSONALIDADE

A porta da sala abriu-se. E veio ao meu encontro, festivo, o aroma  
dos jacintos espalhados pelas jarras, em cima das colunas e sobre o piano.  
E tive a delicioza impressão que você me abraçava com um abraço  
todo cheio do seu perfume.

Entretanto você não estava. Mas tinha deixado na sala, no arranjo  
das cadeiras, na maneira das almofadas descansando num gesto pregui-  
gozo, e no geito daquela bonequinha moderna, mostrando as pernas displi-  
cemente na mezinha de centro, impregnada toda a sua personalidade.

E eu me convenci, durante todo o tempo em que estive lá, que havia  
estado com você.

Quando saí, um jacinto desprendendo-se, atirou-me um beijo perfu-  
mado da sua boca, na sua queda.

E não sei porque, sentindo-me extranhamente feliz, tive o meu pri-  
meiro sorriso sem amargor.

GIL SA'.



